

## USO DE JOGOS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO POR PROFESSORES APÓS REALIZAÇÃO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Lis de Gusmão Lino; Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa

*Universidade Federal de Pernambuco. [lislino@hotmail.com](mailto:lislino@hotmail.com); Universidade Federal de Pernambuco. [aclaudiapessoa@gmail.com](mailto:aclaudiapessoa@gmail.com)*

**Resumo:** Este artigo teve como objetivo analisar o uso de jogos na alfabetização por professor em processo formação continuada do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa nos anos 2013 e 2015. Especificamente pretendeu identificar os objetivos, estratégias e mediação durante as aulas que o professor utilizou tal recurso. Realizamos um estudo de cunho qualitativo, que contou com uma entrevista e cinco observações de aula em 2013 e em 2015, totalizando 10 aulas observadas de uma professora cursista da formação mencionada. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977). Partimos do pressuposto de que o Sistema de Escrita Alfabética (SEA) é um sistema notacional e, assim como alguns autores (MORAIS, 2012; BRANDÃO, FERREIRA, e ALBUQUERQUE, 2009), consideramos que o trabalho com jogos de alfabetização contribui para que os estudantes pensem sobre as propriedades deste sistema a partir de atividades lúdicas. Tanto em 2013 quanto em 2015 percebemos situações que favoreceram o processo de alfabetização, o recurso demonstrou fazer parte de um planejamento sistemático e esteve relacionado a outras atividades que tinham finalidade semelhante. Como principais resultados percebemos, no momento em que os jogos foram utilizados, objetivos didáticos voltados para análise fonológica e reflexão dos princípios do Sistema de Escrita Alfabética; o uso de estratégias didáticas (escolha do jogo, a escolha dos agrupamentos dos alunos, a explicação das regras, a confirmação da compreensão das regras e a mediação) contribuíram para a aprendizagem dos alunos; as mediações foram feitas principalmente por meio de questionamentos e da resolução de conflitos em relação ao SEA.

**Palavras Chaves:** alfabetização; jogos; formação de professores.

### INTRODUÇÃO

Em meio a distintas perspectivas e concepções de alfabetização, a realidade é que muitas crianças chegam até os níveis mais avançados de escolarização sem sequer conseguir produzir pequenos textos com autonomia ou sem interpretar aquilo que leem, ou seja, sem estarem alfabetizadas.

De acordo com uma matéria publicada no site do MEC<sup>1</sup> em 2008, “números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Síntese de Indicadores Sociais, revelam que 8,4% das crianças de sete a 14 anos ainda não sabem ler e escrever, mesmo matriculadas na escola.”.

<sup>1</sup> <<Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/211-noticias/218175739/11309-sp-1133963021>. Último acesso em: 10/02/2016.>>

Diante desta realidade foi instituído, no ano de 2013, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC. Este programa consiste em uma ação do Ministério da Educação com a participação articulada do Governo Federal e dos governos estaduais e municipais, dispostos a mobilizar esforços e recursos visando contribuir para o aperfeiçoamento da formação professores da rede pública de ensino, que atuam no ciclo de alfabetização, assim como garantir o direito de alfabetização plena a estudantes até o 3º ano do Ensino Fundamental.

De acordo com um dos cadernos da formação do PNAIC,

Os programas atuais de formação continuada têm como proposta associar novas abordagens do ensino da língua às “novas concepções” de formação. Tais programas estão sendo desenvolvidos em diversos estados do país, trazendo um formato que congrega a formação continuada de professores formadores e professores que atuam nos anos iniciais. (BRASIL, 2012, p10)

As concepções de ensino da língua inovadoras estão relacionadas à compreensão de que o ato de alfabetizar é mais amplo do que o simples ato de ler e escrever e resulta em outras práticas sociais.

A partir da década de 80 novas discussões acerca do processo de aprendizagem da leitura e escrita começam a vir à tona com base nas contribuições da psicogênese da escrita (FERREIRO E TEBEROSKY, 1984). O foco deixa de ser a forma como se ensina para como as crianças aprendem. Isto implica em mudanças tanto na forma de pensar o ensino, como na forma de ensinar. A escrita passa a ser discutida como um sistema notacional dotada de propriedades que regulam seu funcionamento.

Em relação a “novas concepções” de formação, o PNAIC busca a conscientização de uma intervenção pedagógica sistemática, em que o professor deixe de ser espectador e estabeleça relações entre teoria e prática. Assim ele mobiliza os conhecimentos e conteúdos, tendo o seu cotidiano pessoal e profissional como referência.

Da articulação entre as novas concepções alfabetização e formação resultam reflexões sobre os objetos de ensino, os processos cognitivos envolvidos nas atividades de linguagem e de aprendizagem das diferentes dimensões do uso da língua e a didática relativa a cada eixo do ensino dentre outros aspectos pedagógicos e sociais, tais como a reflexão sobre a escola, sobre o exercício da docência, sobre a rotina escolar, entre outros

O PNAIC se fundamenta a partir de quatro princípios centrais, os quais deverão ser

considerados ao longo do desenvolvimento do trabalho pedagógico, explicitaremos apenas os que estão diretamente relacionados à temática deste trabalho: a) o Sistema de Escrita Alfabética que é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador; b) a ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem.

Durante o processo de alfabetização as crianças constroem hipóteses sobre o funcionamento do SEA (Sistema de Escrita Alfabética). Essas hipóteses partem de um nível inicial, aonde as crianças não estabelecem nenhuma relação entre letras e sons (período pré-silábico), até um nível em que compreendem que as letras representam unidades menores que as sílabas, ou seja, os fonemas (período alfabético). É importante, entretanto, estar atento que a passagem por estas fases pode não acontecer de forma sequencial. Identificar a fase que os alunos se encontram significa perceber o que eles já sabem e o que precisam compreender sobre o funcionamento do SEA, e, a partir disto, elaborar atividades que os auxiliem a progredirem no processo de alfabetização.

Leal e Morais (2010) e Morais (2012), sistematizando as especificidades do sistema de escrita alfabética, elaboraram uma lista de princípios em que encontramos aspectos conceituais e convencionais que os alunos precisam refletir para construir ou consolidarem seus conhecimentos em relação a escrita, como por exemplo, escreve-se com letras, que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos; as letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças na identidade das mesmas (p, q, b, d), embora uma letra assumam formatos variados (P, p, P, p); a ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada; entre outros.

Ao lado dos estudos sobre a psicogênese da escrita, os estudos sobre habilidades de consciência fonológica também contribuem para a discussão da alfabetização. A consciência fonológica corresponde a um conjunto de habilidades que leva o aprendiz a refletir sobre as partes sonoras das palavras (cf. CARDOSO-MARTINS, 1991; GOMBERT, 1992). Essas habilidades envolvem esforços cognitivos de níveis distintos, assim, é mais fácil para uma criança identificar as sílabas iniciais de uma palavra do que contar os fonemas que compõem esta mesma palavra (PESSOA, 2007). Nesse sentido, algumas habilidades de refletir sobre os sons podem facilitar o processo de alfabetização, enquanto outras habilidades avançam à medida que as crianças alcançam o nível alfabético (LEITE, 2011).

Alguns recursos didáticos podem favorecer reflexões sobre o sistema de escrita alfabética, assim como pontua Morais (2012) ao

responder o que podemos fazer para ajudarmos nossas crianças a refletirem sobre as palavras em sua dimensão sonora, ao mesmo tempo em que analisam suas formas gráficas. Para o autor uma das opções é o uso de “jogos com palavras e situações lúdicas que permitem às crianças brincar com as palavras, explorando, suas dimensões sonoras e gráficas” (pág. 94).

No processo de alfabetização, as atividades lúdicas podem auxiliar os alunos a refletirem sobre o sistema de escrita, sem, necessariamente, serem obrigados a realizar treinos descontextualizados e sem sentido. Uma possibilidade de trabalho é levar para sala de aula jogos com objetivo didático. Com o uso de jogos é possível haver um envolvimento maior dos aprendizes durante as atividades, pois esta prática social já está presente em situações de lazer.

De acordo com o manual didático de jogos de alfabetização produzido pelo Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL/UFPE) as atividades com jogos devem trazer a noção de “brinquedo educativo”, em que o objetivo seja ensinar sem deixar de lado a ludicidade. Assim, enquanto estiverem jogando jogos com finalidades relacionadas ao processo de alfabetização, será possível pensar na lógica de funcionamento da escrita, consolidando aprendizagens já realizadas ou se apropriando de novos conhecimentos. (BRANDÃO; FERREIRA; ALBUQUERQUE, 2009, p. 14).

Desta forma, cabe ao professor organizar estratégias didáticas e formas de mediação que ajudem os alunos a compreenderem os princípios do SEA. É importante ressaltar que a utilização de tal recurso precisa ser planejada de acordo com os conhecimentos que as crianças já possuem. Assim, é imprescindível que os objetivos dos jogos apresentem algum desafio que seja possível ser resolvido.

Partido do exposto, o objetivo deste estudo foi analisar o uso de jogos na alfabetização por professor em processo formação continuada do PNAIC nos anos 2013 e 2015, identificando seus objetivos, estratégias e mediação durante as aulas em que utilizava jogos de alfabetização.

## **METODOLOGIA DO TRABALHO**

Participou dessa pesquisa uma professora alfabetizadora que foi cursista do PNAIC desde a sua implementação (2013) e lecionou no ciclo de alfabetização (ano 1) no ano letivo de 2013 e 2015.

Realizamos 1 entrevista e 5 observações de aula em 2013 e em 2015 da professora Joana<sup>2</sup>. A entrevista e as aulas foram gravadas em áudio e transcritas posteriormente para análise.

Os dados foram analisados com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Fizemos um cruzamento de dados a partir da análise dos objetivos para o uso dos jogos, das estratégias e mediações realizadas no momento da atividade com tal recurso.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os jogos foram utilizados em duas aulas no ano de 2013 (aulas 1 e 2) e apenas uma vez no ano de 2015 (aula 5). As análises estão organizadas em dois tópicos relativos ao uso deste recurso. O primeiro aborda os objetivos para o uso dos jogos de alfabetização. No segundo apresentamos as estratégias e as mediações desenvolvidas pela professora no momento em que utilizava o jogo.

Segundo a professora, a utilização dos jogos depende das características de cada turma, assim, a mesma explica que em 2015 utilizou menos esse recurso didático com os alunos do que nos anos anteriores, conforme podemos observar no extrato a seguir:

(...) Eu costumo utilizar os jogos, mas assim, eu vou te dizer, tudo depende da turma, entendesse? Quando eu pego uma turma, por exemplo, eles são muitos dispersos. Eles são muito barulhentos, aí tem hora que... Aí eu não trabalhei não. Tem turma que dá para a gente trabalhar quase todas as semanas. Você senta, olha e eles prestam atenção.

Entrevista com a professora Joana realizada dia 11/08/2015

Joana considera que o comportamento e desenvolvimento da turma são fatores importantes para optar ou não pelo uso de jogos. Em sua resposta é possível identificarmos duas situações que a fizeram não trabalhar tal recurso.

Inicialmente a professora diz que em função de os alunos não prestarem atenção e fazerem muito barulho, não é possível utilizar os jogos. Uma das hipóteses que levantamos é que pode ter faltado envolvimento e motivação para que os alunos participem da atividade com mais atenção. Zabala (1998), ao discutir sobre o grau de participação dos alunos no processo de aprendizagem em uma vertente construtivista, afirma que “ensinar envolve

---

<sup>2</sup> Nome fictício.

estabelecer uma série de relações que devem conduzir à elaboração, por parte do aprendiz, de representações pessoais sobre o conteúdo objeto de aprendizagem. ” (p. 90).

## **OBJETIVOS DOS JOGOS UTILIZADOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Na análise das aulas de 2013 os jogos escolhidos foram de tipos diferentes: o primeiro tinha mais objetivos voltados para análise fonológica (Bingo dos Sons Iniciais) e o segundo (Troca Letras) tinha mais objetivos voltados para reflexão sobre os princípios do sistema alfabético.

O bingo dos Sons Iniciais é um jogo destinado principalmente para alunos que precisam perceber que a palavra é formada de significado e sequência sonora (significante) e que para escrever ou comparar palavras quanto a sílaba inicial, é importante refletir sobre as propriedades sonoras das mesmas, desenvolvendo consciência fonológica. Assim, ao jogá-lo, a criança pode se atentar a aspectos relativos à composição das palavras, como por exemplo, que nelas estão presentes os sons equivalentes a sílabas e que estes sons podem se repetir em palavras diferentes (BRASIL, 2009, p.30)

Troca Letras é um jogo recomendado principalmente a alunos capazes de perceber que a escrita tem relação com a pauta sonora, mas que ainda que não compreendam princípios do SEA, como, por exemplo, o de que duas palavras diferentes são escritas com letras diferentes e que a substituição de uma única letra faz com que uma palavra se transforme em outra, ou apenas para consolidar correspondências grafofônicas. Deste modo, as crianças são levadas a pensar sobre os fonemas e suas relações com as letras (BRASIL, 2009, p.59).

No período de coleta do ano de 2015 a professora utilizou apenas um jogo de reflexão sobre os princípios do sistema alfabético.

O Bingo da Letra Inicial, tem como público alvo alunos que ainda não compreenderam alguns princípios do SEA. Destarte, é possível a reflexão sobre os sons aos quais as letras correspondem, porque o jogador terá que escolher qual letra vai ser usada para completar palavras que apresentam uma mesma sequência de sons e que se diferenciam somente no fonema inicial (BRASIL, 2009, p.63).

Tanto em 2013 quanto em 2015 os jogos mencionados serviram como recursos que fizeram as crianças pensarem sobre o sistema de escrita, sem que fossem realizados treinos e atividades repetitivas e enfadonhas, o que resulta em um trabalho mais significativo para os alunos. Cada jogo utilizado apresenta objetivos didáticos

destinados aos aprendizes que estão em processo de alfabetização do sistema de escrita alfabética.

Como já explicitado, a análise dos objetivos dos jogos ratifica que apenas em 2013 foi utilizado jogo com objetivos voltados especificamente para consciência fonológica. Já os jogos que tinham como finalidade refletir sobre os princípios do SEA, foram utilizados nos anos de 2013 e 2015.

Destacamos que o fato de em 2015 não terem sido observadas aulas em que a professora Joana utilizou jogos de consciência fonológica, não significa dizer que este aspecto não tenha sido trabalhado em outros momentos e/ou com outros recursos.

No quadro 04 apresentaremos as estratégias utilizadas pela professora Joana em cada jogo nos anos de 2013 e 2015.

Quadro 01: Estratégias realizadas pelas professoras nas situações de uso dos jogos de alfabetização

| Estratégias didáticas                        | Nome do jogo            |              |                        |
|--|-------------------------|--------------|------------------------|
|  | 2013                    |              | 2015                   |
|  | Bingo dos Sons Iniciais | Troca Letras | Bingo da Letra Inicial |
| 1- Escolha do jogo                           | X                       | X            | X                      |
| 2- Agrupamentos escolhidos pelas professoras | ---                     | X            | ---                    |
| 3- Explicação das regras                     | X                       | X            | X                      |
| 4- Confirmação da compreensão das regras     | X                       | X            | X                      |
| 5- Mediação das aprendizagens                | X                       | X            | X                      |

As estratégias didáticas utilizadas nos dois anos (2013 e 2015) analisados foram iguais, com exceção da escolha dos agrupamentos, que no jogo Troca Letras (em 2013) foi realizada pela professora.

Notamos que os jogos não foram escolhidos de forma aleatória, pois seus objetivos demonstravam semelhanças e articulação com outras atividades realizadas durante a aula do dia, assim como também apresentou desdobramentos.

Para demonstrar como a professora articulava o recurso ao planejamento diário em 2013, organizamos o quadro 05, em que são descritas três atividades realizadas no dia (26/06/2013), das quais duas possuem relação com as finalidades do jogo Troca Letras.

Quadro 02: Sequência das atividades realizadas pela professora Joana no dia 26/06/2013, que estão relacionadas aos objetivos do jogo Troca Letras

1- Para trabalhar o jogo Troca Letras a docente faz indagações como: “Crianças, peguem a letra que transforma a palavra MOLA em GOLA. Peguem a letra que transforma MOLA em COLA. Que letra é essa? Crianças, eu quero apenas as letras que faltam. Nessa atividade, a professora também pediu para montar outras palavras, como BOLA.

2- Leitura do livro “A E I O U” (obra complementar da área de língua portuguesa). A partir da leitura de cada página, a professora refletia sobre a formação das novas palavras solicitadas no livro. Escrevia tudo no quadro e perguntava para os alunos, por exemplo: “Como transformar PASTAS em PESTES?”. Então, ela escrevia a palavra no quadro, por exemplo, PASTAS e perguntava às crianças que letras mudariam para transformar a palavra em PESTES.

3- Entrega e explicação de uma atividade em ficha: escrever os nomes das figuras que estão na ficha e circular ou pintar as letras repetidas de cada linha.

*Obs.: É importante ressaltar que muitas das palavras presentes nessa atividade foram exploradas nas atividades anteriores, como no jogo TROCA LETRAS.*

As atividades explicitadas acima demonstram uma continuidade da reflexão iniciada com o jogo. Com a leitura do livro os alunos puderam pensar mais, por exemplo, sobre a mudança de uma letra em uma palavra, o que a faz transformá-la em outra palavra. Assim, se no jogo o desafio era transformar a palavra MOLA em COLA, no livro o desafio apresentado pela professora foi transformar PASTAS em PESTES.

Na atividade 03, considerada como desdobramento por ser realizada após o jogo, e utilizar as palavras do mesmo, foram propostos outros objetivos: escrever e os nomes e marcar as letras repetidas.

Semelhante ao que aconteceu em 2013, em 2015 Joana também realizou desdobramentos para o jogo Bingo da Letra Inicial.

Quadro 06: Sequência das atividades realizadas pela professora Joana no dia 02/09/2015, que estão relacionadas aos objetivos do jogo Bingo da Letra Inicial

1- Para trabalhar o jogo Bingo da Letra Inicial a docente questiona os alunos sobre o nome das figuras que aparecem nas cartelas, por exemplo: COLA, BOLA, MOLA (as primeiras letras das palavras não estavam escritas na cartela, assim os alunos precisariam preencher com as fichas equivalentes). Durante o jogo, Joana sorteava uma letra e pedia que os alunos observassem para saber se a letra sorteada correspondia a primeira letra da palavra que representava a figura.

2- Entrega de uma ficha de atividade aos alunos que tinha o foco no som inicial das palavras (estrutura semelhante ao jogo “Bingo da Letra Inicial”). Nesse momento, ela foi passando de banca em banca para auxiliar os alunos na atividade.

Entrega de outra ficha de atividade. A ficha solicitava que os alunos produzissem uma lista de palavras a partir das palavras que apareciam nas cartelas do jogo “Bingo do Som Inicial”. Nesse momento, a docente fez a correção coletiva e registrou no quadro as palavras, enfatizando a letra inicial, a letra final e a quantidade de letras de cada palavra.

É possível perceber novamente que a professora articulava o jogo com outras atividades da aula, conforme fez em 2013. Nos momentos 2 e 3, fica explicitado que as palavras do jogo e sua proposta de refletir sobre os sons são ampliadas.

Quanto aos agrupamentos (item 02 da tabela 04), em 2013, no jogo Bingo dos Sons Iniciais a professora organizou os alunos em grande grupo; no Bingo da Letra Inicial, os alunos escolheram suas duplas e, como era bingo, os sorteios das letras foram feitos para todas as duplas. Já em 2015, no jogo Troca Letras, foram feitos dois grupos, em que o critério de divisão foi o sexo (meninos contra meninas). Não houve agrupamento em que o critério de divisão dos alunos fossem os conhecimentos sobre o SEA em 2013, nem em 2015.

Também não identificamos em nenhum ano a leitura da regra. Apesar de não ter lido as regras, a professora buscou explicá-las e verificar se os alunos as compreenderam, tanto em 2013 quanto em 2015. A partir do extrato do momento em que estavam jogando o Bingo Letra Inicial, podemos entender melhor este momento:

**P:** Certo? Eu quero que vocês me digam quais são os nomes, quais são os desenhos que têm na sua cartelinha, certo? Bora, Sandyley?!

**A:** Gato, pato e rato!

**P:** Gato, pato e rato! Agora vocês, bora!

**(...) pergunta a vários alunos sobre os desenhos de suas cartelas**

**P:** Vocês notaram que nessas cartelinhas que eu dei para vocês tem uma coisa que é bem parecida?

**A:** Não!

**A:** As letras do nome são todas iguais.

**(...)**

**P:** As letras no final são iguais, mas tem uma coisa aí, minha gente. (...) A letra da frente vai ser diferente, porque, por exemplo, no de Maria e no de Gabrielly tem assim, olha: “ato, ato e ato” (se refere aos nomes que estão na cartela). Gato, pato e rato”. Só que a primeira letrinha de gato é a mesma de pato?

**Alunos:** Não!

**P:** Por que gato começa com qual letra? E pato?

**A:** Com “p”!

**P:** E rato?

**A:** Com “ra”!

**A:** R!

**P:** Com “R”! Então, o que vai mudar nesse jogo é....

**A:** As letras...

Fragmento da aula 05, realizada 02/09/2015.

Como o jogo é de alfabetização, a própria explicação de como jogar possibilita uma reflexão sobre o funcionamento do SEA. Ao explicar como se joga, a professora faz questionamentos aos alunos, demonstrando ter a intenção de saber se os mesmos estão ou não entendendo as orientações, assim como ressalta Brandão, Ferreira e Albuquerque (2009, p. 24) “a compreensão sobre o jogo é indispensável para que a atividade seja prazerosa e se reverta em situação de aprendizagem.”

No tocante à mediação das aprendizagens das crianças sobre o SEA, percebemos que não houve nenhuma forma de atendimento individualizado. A professora mediava sempre em grande grupo, não havendo mudança do ano de 2013 para o ano de 2015. A professora age como uma mediadora, tanto explicando como jogar e conduzindo o jogo, quanto quando problematiza e monitora as situações. Assim, quando há conflitos ou dúvidas em relação aos desafios proporcionados pelo jogo, ela não apresenta respostas prontas aos alunos, mas os fazem refletir sobre as respostas. Abaixo apresentamos alguns fragmentos de situações de mediação:

P- Se vocês olharem na cartela de vocês... Vocês estão vendo que o nome é vermelho e tem um pedacinho preto? Vocês estão vendo? Esse pedacinho preto é a 1º sílaba de cada palavra... Então, é a sílaba inicial, com a letra inicial. Vocês estão vendo? Pronto?! Eu tenho aqui na minha mão um montão de figuras e, eu vou pegar aqui alguns nomes e vou colocar no quadro...(...)

**(A professora chamou a atenção para o ES, da palavra estrela. Tentando enfatizar quando pronunciava.)**

P- Priscila disse que tem **ESTRELA**... Mas eu quero saber um nome que comece com “E” e que esteja com a parte preta... Em **ESTRELA** só o “E” está com a parte preta?

A- Não!

P- Não! Então, não vale! Em **ESTRELA** o **ES** tem a parte preta e assim eu não quero... Eu quero só o “**E**”.

P- Quem tem com “**E**”?

A-Eu tenho!

P-Cadê? Muito bem! Jonadabe tem e Renato também!

Fragmento da aula 01, realizada 13/06/2013

Percebemos com o trecho da aula que apesar de não atender as crianças individualmente ou em pequenos grupos, ela estava atenta a como as crianças estavam realizando a atividade. Dessa forma, mediava se dirigindo a toda turma, como foi o caso da palavra estrela, em que foi problematizado para os outros alunos se estava marcado o “es” ou apenas a letra “e” na cartela. O mesmo aconteceu com os demais jogos, nos dois anos observados.

## CONCLUSÕES

Diante da análise das aulas em que a professora fez uso dos jogos foram contempladas situações favoreceram a apropriação do SEA nos dois anos de investigação. O recurso demonstrou fazer parte de um planejamento sistemático e estava relacionado a outras atividades que tinham finalidade semelhante.

Os objetivos didáticos dos jogos utilizados nos dois anos variaram, sendo em 2013 mais voltado para análise fonológica e em 2015 para os princípios do SEA.

Como estratégias identificamos: a escolha do jogo, a escolha dos agrupamentos dos alunos, a explicação das regras, a confirmação da compreensão das regras e a mediação das aprendizagens dos alunos.

Nos dois anos de coleta as mediações aconteceram em grande grupo, principalmente por meio de questionamentos.

Acreditamos que é necessário investir mais sobre a temática de jogos de alfabetização nas formações continuada, para que se torne algo mais frequente nas práticas de professores alfabetizadores, tendo em vista que após dois anos de formação identificamos práticas bastante semelhantes, inclusive na frequência de uso dos recursos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARDIN, L. 1977. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BITTENCOURT, Glauçimar; FERREIRA, Mariana Denise Moura. *A Importância do Lúdico na Alfabetização*. 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: caderno de apresentação* / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Jogos de Alfabetização*. Brasília, 2009<sup>a</sup>.

CARDOSO-MARTINS, Cláudia. *Consciência fonológica e aprendizagem da leitura e da escrita*. Cadernos De Pesquisa. São Paulo, v. 76, 1991. p. 41-49.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FREITAS, Alexandre Simões de. Os desafios da formação d professores no século XXI: competências e solidariedade. In: FERREIRA, Andrea Tereza Brito; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. *Formação continuada de Professores: questões para reflexão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges; LEITE, Tânia Maria Rios. *Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando* (ou

alfabetizar brincando?). In: MORAIS, Artur; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correa; LEAL, Telma Ferraz. (Org.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes de. O aprendizado do sistema de escrita alfabética: uma tarefa complexa, cujo funcionamento precisamos compreender. In: LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correa; MORAIS, Artur Gomes de. *Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEITE, T. M. B. *Alfabetização: Evolução de Habilidades Cognitivas envolvidas na Aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética e sua Relação com Concepções e Práticas de Professores*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2011.

MORAIS, A. G. *Sistema de Escrita Alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

PESSOA, A. C. R. G.; MELO, K.L.R. Recursos didáticos e ensino da ortografia: jogos e dicionário. In: LEAL, T.F; SILVA Alexandro (org.). *Recursos didáticos e ensino de língua portuguesa*. 1ª Ed. Curitiba: CRV, 2011:27-41

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.